

# O TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CULTURA CANAVIEIRA E OS IMPACTOS SOBRE SUA SAÚDE

Neiry Primo Alessi<sup>1</sup>  
Vera Lucia Navarro<sup>2</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO 1 2

O trabalho de crianças e adolescentes é um fenômeno presente e em crescimento em todo o mundo. Segundo estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) aproximadamente 200 milhões de crianças estão inseridas (MATEOS, 1996), formal ou informalmente, no mercado de trabalho, em todo o mundo. Segundo esta organização, 13% das crianças entre 10 a 14 anos, ou seja, 73 milhões de crianças, exercem alguma atividade laboral (ORGANIZAÇ{ O, 1996). A OIT, entretanto, adverte que estas cifras correspondem apenas à pequena parte visível de um grande *iceberg*. A ausência de dados seguros sobre este fenômeno pode ser vista como um indicador de como o trabalho de crianças e adolescentes desenvolve-se de forma ainda mais precária que o de outros segmentos da força de trabalho. A própria OIT chama atenção para este fato: “*En realidad, nadie sabe con certeza cuántos niños menores de 10 años trabajan y tampoco existen estadísticas sobre el número de niñas ocupadas a tiempo completo en labores domésticas*” (ORGANIZAÇ{ O, 1996:1).

Se este fenômeno não é exclusivo, na contemporaneidade dos países pobres, é ali que se faz sentir de forma mais brutal e violenta. Os dados sobre o trabalho infantil apresentados pela OIT, em reunião em Genebra, em junho de 1996, dão uma mostra do que se passa em alguns destes países (Tabela 1).

---

<sup>1</sup>Bacharel em Ciências Sociais, Profa. Assistente, Dra. do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

<sup>2</sup>Bacharel em Ciências Sociais, Profa. Assistente do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Campus de Araraquara.

TABELA 1 - Taxa Percentual de Crianças Economicamente Ativas no Grupo de Idade de 10 a 14 Anos, em Alguns Países do Terceiro Mundo

País	Participação percentual
Mali	54,5
Burkina Faso	51,0
Uganda	45,0
Quênia	41,3
Senegal	31,4
Bangladesh	30,1
Nigéria	25,8
Haiti	25,0
Turquia	24,0
Paquistão	17,7
Brasil	16,1
Índia	14,4
China	11,6
Egito	11,2

Fonte: ORGANIZAÇ{ O (1996).

Neste mesmo evento, a OIT relata que “...*el trabajo infantil está aumentando en Africa y America Latina, y, en menor medida, en Europa Central y Oriental y en los Estados Unidos ...*” (ORGANIZAÇ{ O, 1996:2).

No Brasil, em 1990, segundo dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 7,5 milhões de crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos (que representavam 11,6% da população ativa) trabalhavam, apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente proibir ao menor de 12 anos qualquer tipo de atividade laboral e permiti-la, apenas em condições especiais, aos

[H]

adolescentes com idade entre 12 e 14 anos. Mais de 40% daquele total era constituído de crianças e adolescentes com idade entre 10 e 14 anos (FUNDAÇ{ O, 1992b).

Ainda segundo o IBGE, as crianças e os adolescentes brasileiros que trabalham o fazem muitas horas por dia. É o caso de 46,4% daqueles na faixa etária entre 10 e 14 anos e de 77,3% dos que têm entre 15 e 17 anos, cuja jornada de trabalho é de 8 ou mais horas por dia, com o recebimento de, no máximo, um salário mínimo mensal para 96,3% daqueles na faixa etária entre 10 e 14 anos e 81% dos que têm entre 15 e 17 anos (FUNDAÇ{ O, 1992a).

Essa jornada restringe ou torna difícil conciliar o trabalho com o estudo, restando para estas crianças e adolescentes a alternativa de cursarem a escola noturna que, na grande maioria das vezes, limita as possibilidades de continuidade do processo de escolarização, especialmente para os mais jovens.

Atualmente, a discussão a respeito do trabalho da criança e do adolescente no Brasil tem ganhado espaço tanto no meio acadêmico como nos veículos de comunicação de massa, destacando-se o emprego deste tipo de mão-de-obra na indústria (carvoeira, de calçados, de vidros, etc.), em serviços (*office-boys*, "guardinhas", etc.) e na atividade agropecuária (sisal, rami, laranja, algodão, café e cana-de-açúcar, entre outras).

O diretor da OIT para o Brasil, João C. Alexim, apresentou no IV Fórum Empresarial sobre o Trabalho Infantil, realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1995, dados que apontam o setor agropecuário brasileiro como sendo o que mais utiliza esta mão-de-obra. "*Com base em dados de 1990, 42,9% das crianças e adolescentes que trabalham est/ o empregadas no setor agrícola*" (SCOFIELD JUNIOR, 1995).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, a taxa de atividade das crianças de 10 a 13 anos de idade no setor rural no Brasil é de 27,8%, enquanto o setor urbano apresenta uma taxa de atividade de 14,2% nessa mesma faixa etária (Tabela 2).

Várias atividades desenvolvidas no setor agropecuário que se utilizam de mão-de-obra de crianças e adolescentes são consideradas penosas, perigosas e insalubres.

Dentre estas destaca-se o trabalho no corte da cana-de-açúcar, objeto de preocupação deste trabalho.

TABELA 2 - Taxa de Atividade das Crianças de 10 a 13 anos de Idade, Residentes em Áreas Rural e Urbana, Segundo as Grandes Regiões Brasileiras, 1990

Grandes Regiões da Federação	Taxa de atividade das crianças de 10 a 13 anos de idade (%)	
	Rural	Urbano
Brasil	27,8	14,2
Norte	-	8,5
Nordeste	29,0	19,1
Sudeste	21,4	9,4
Sul	35,2	17,5
Centro-Oeste	23,8	14,6

Fonte: IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: mapa do mercado de trabalho no Brasil, 1994.

## 2 - DISCUSS{ O PRELIMINAR

Antes de se iniciar a discussão acerca do trabalho de crianças e adolescentes na cultura canavieira e seus impactos sobre a saúde daqueles que dela se ocupam, será necessário, ainda que de maneira breve, tecer algumas considerações sobre os determinantes deste fenômeno.

Não resta dúvida que o trabalho de crianças e adolescentes, tal como acontecia nos primórdios do capitalismo, entre outros fatores, está diretamente relacionado à baixa remuneração. O trabalho infantil é mais vulnerável que o dos adultos à sub-remuneração, o que permite uma exploração em grau ainda maior que aquela aplicada ao restante da força de trabalho. Muitos estudos que analisam o trabalho de crianças no Brasil apontam principalmente para questões relacionadas à sub-remuneração e ao fato de estas crianças ao ingressarem no mercado de trabalho abandonarem a escola ou terem seu desenvolvimento escolar comprometido. Tal situação permite, em última instância, que a miséria seja reproduzida (PAES DE BARROS e MENDONÇA, 1991).

Segundo MARTINS (1991), "*o desenvolvimento alucinado que os países ricos e as vorazes elites dos países pobres exigem*

*dos países pobres, para beneficiar apenas uma pequena parcela da população, implicou o descarte de m/o-de-obra já barata. Implicou, também,*

*a disseminação de diferentes formas de trabalho clandestino, mediante pura e simples supressão de direitos conquistados pelas classes trabalhadoras, na incorporação precoce do braço infantil ao processo de trabalho, para nele substituir o adulto que, apesar de barato, tornou-se caro nos termos da lógica cerrada da acumulação sem limites e sem escrúpulos. Hoje o filho criança desemprega o pai adulto, porque seu trabalho é mais barato. Ou o filho criança completa o salário ou o ganho do pai adulto porque o que este recebe é insuficiente para sustentar a família.”*

A compreensão desta questão remete à discussão acerca das transformações em curso no mundo do trabalho, em que o desemprego apresenta-se como uma grande ameaça para expressiva parte dos trabalhadores, neste final de século. Paradoxalmente, à medida que o desemprego cresce, aumenta, em todo o mundo, a exploração do trabalho infantil. Segundo ANTUNES (1995 e 1996), *“a sociedade contemporânea, particularmente nas últimas duas décadas, presenciou fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego que atinge a humanidade que trabalha em escala globalizada. Da Inglaterra à Espanha, do México à Argentina, da Rússia à Índia, para não falar do Brasil, quanto mais se avança na competitividade e na integração mundial, mais explosivas tornam-se as taxas de precarização, exclusão e desemprego. (...) Paralelamente à globalização produtiva, a lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca de produtividade num processo ‘auto-destrutivo’ que tem gerado uma imensa ‘sociedade dos excluídos e dos precarizados’”.*

ANTUNES (1996) aponta um conjunto de tendências das transformações em curso no mundo do trabalho que nos auxiliam na compreensão do trabalho infanto-juvenil, que resumidamente são as seguintes:

1 - há uma crescente redução do

proletariado fabril, estável, que se desenvolveu na vigência do binômio taylorismo/fordismo;

2 - há um enorme incremento do “subproletariado” fabril e de serviços que têm sido, freqüentemente, denominado de trabalho precarizado. São os “terceirizados”, subcontratados, “part-time”;

3 - vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino;

4 - há um incremento dos assalariados médios e de serviços, embora o setor de serviços já presencie, também, traços de desemprego tecnológico;

5 - há exclusão dos jovens e dos velhos do mercado de trabalho dos países centrais e

6 - há, por fim, uma inclusão precoce e criminosa de crianças no mercado de trabalho, particularmente nos países de industrialização intermediária e subordinada.

Um dos aspectos mais preocupantes da entrada precoce de crianças e adolescentes no mercado formal e/ou informal de trabalho é o possível comprometimento de sua saúde, tomada em seu caráter mais abrangente, isto é, não apenas enquanto manifestações biológicas, mas derivada do modo como se produz e reproduz a existência dos grupos sociais. Os comprometimentos podem ainda ser potencializados por riscos de acidentes e de doenças do trabalho, por se tratar de força de trabalho ainda imatura e em desenvolvimento, em que pese o fato de os trabalhadores, em geral, estarem submetidos a processos desta mesma natureza.

Com base nessas considerações, o presente trabalho buscou compreender os impactos sobre a saúde de crianças e adolescentes derivados do modo de ser do trabalho no corte da cana-de-açúcar e apreender algumas similaridades desse processo em municípios produtores dos Estados de São Paulo e da Paraíba.

Para a reconstrução do processo de trabalho do corte da cana-de-açúcar, utilizaram-se dados obtidos em investigação realizada em alguns municípios da região de Ribeirão Preto (SP) no início da década de 90 (ALESSI e SCOPINHO, 1992). Em 1996, as autoras deste artigo realizaram novas observações do referido processo de trabalho, na busca de possíveis alterações no seu modo de realização, quando



considerada a incorporação de crianças e adolescentes.

### 3 - O PROCESSO DE TRABALHO NO CORTE DA CANA-DE-AÇÚCAR E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE

Os impactos do trabalho do corte da cana-de-açúcar na saúde de crianças e adolescentes são visíveis no modo de ser desta atividade, considerando-se sua base técnica, divisão e organização social. Eles se manifestam através de padrões de desgaste-reprodução (LAURELL e NORIEGA, 1989), determinados por um conjunto de cargas laborais dos ambientes e condições de trabalho que se materializam em acidentes, doenças inespecíficas e do trabalho.

É um tipo de trabalho que não estabelece limites quanto ao gênero e idade. Dele participam crianças a partir de 7 anos de idade, pessoas adultas e na terceira idade, do sexo masculino ou feminino.

Em seus traços gerais, o trabalho no corte da cana-de-açúcar é uma atividade penosa, perigosa e insalubre (REBOUÇAS et al., 1989).

Estas características est| o presentes desde o momento em que o cortador acorda para vestir-se, preparar suas refeições, providenciar os seus instrumentos de trabalho, embarcar em caminhões, ônibus, tratores ou realizar caminhada a pé até a lavoura. A jornada de trabalho, com duração de 14 horas em média, realizada de segunda a sábado, somente termina após os trabalhadores cumprirem outras tarefas em sua moradia, necessárias à sua reprodução (limpeza da casa, cuidados com a higiene pessoal, vestuário, instrumentos de trabalho e outros).

As condições presentes nos ambientes de trabalho são insalubres e perigosas. Manifestam-se normalmente em temperatura elevada, que se acentua no transcórper da jornada; sofrem mudanças bruscas de temperatura na "época das águas"; ocorre o contato com poeiras, animais peçonhentos e agrotóxicos, os quais são enfrentados com equipamentos de proteção individual (EPI), quando disponíveis, ou até mesmo com alguns "equipamentos" improvisados pelos

trabalhadores.

Essas condições adversas do ambiente de trabalho são enfrentadas pelos trabalhadores utilizando roupas sobrepostas (saias sobre calças compridas, camisas de mangas compridas, luvas improvisadas com meias e lenços cobrindo o rosto e a cabeça sob chapéus ou bonés). No caso de algumas crianças nem mesmo este "uniforme" improvisado é utilizado para a proteção do corpo, ficando ainda mais expostas às agruras do trabalho nos canaviais. É comum encontrar crianças trabalhando de *short*, camiseta, sandálias de dedo e até mesmo descalças.

Na região de Ribeirão Preto (SP) constatou-se que a utilização (quando praticada) de luvas e perneiras (Norma Regulamentadora nº4) acaba atrapalhando os movimentos requeridos pela operação do corte da cana, isso porque aqueles equipamentos de proteção individual, além de não oferecerem muitas opções de tamanho, são confeccionados com raspa de couro, material que em contato com o melão da cana acaba enrijecendo.

Antes mesmo do início da jornada o medo da morte e de acidentes acompanham os cortadores de cana em seus deslocamentos diários. Trabalhadores e instrumentos de trabalho (podão, enxada e foice) são transportados em veículos em precário estado de conservação e manutenção e conduzidos por motoristas muitas vezes inexperientes, quando não inabilitados. Nos últimos quinze anos foi possível levantar 73 acidentes com caminhões de bóias-frias, ocorridos, em sua maioria, na região norte do Estado de São Paulo, causando 269 mortes e incapacitando para o trabalho 1.103 trabalhadores, dada a gravidade dos acidentes (FEDERAÇ{ O, 1991 e SILVA et al., 1994).

Nos canaviais inexitem locais adequados para a conservação de marmitas, garrafas de água e de café e para os trabalhadores fazerem suas refeições e necessidades fisiológicas.

Levantar entre 4 e 5 horas da manhã, cumprir uma primeira jornada de trabalho em sua moradia e chegar até o local de trabalho faz com que alguns trabalhadores alcem assim que chegam na lavoura. Outros fazem suas refeições após o início da jornada, ou então por volta das 11 horas.

O padrão alimentar dos cortadores de cana é de baixo valor proteico-calórico (DUTRA DE OLIVEIRA e DUTRA DE OLIVEIRA, 1981 e KULESZA, 1995).

Ao longo da jornada, o trabalhador repõe as energias ao seu organismo bebendo água, café e chupando cana. A prática de chupar cana se, de um lado, repõe a água e sais minerais perdidos pelo organismo, por outro, pode provocar distúrbios intestinais devido ao seu alto teor de sacarose.

O trabalho no corte da cana é organizado em turmas de, aproximadamente, 30 a 40 trabalhadores, cujas operações de corte na base da cana, desponde do palmito e amontoamento são realizados individualmente pelo mesmo trabalhador, utilizando como instrumentos de trabalho o podão e a lima.

O modo de ser do trabalho no corte da cana é marcado por um ritmo acelerado, tendo em vista que deve estar perfeitamente articulado com as exigências de matéria-prima para a industrialização do açúcar e do álcool. O corte da cana é apenas uma parte de um processo agroindustrial altamente organizado, demandando todo um preparo logístico.

A cana-de-açúcar para se constituir em matéria-prima para a produção de açúcar, álcool, energia elétrica, adubos orgânicos e outros subprodutos requer o preparo dos tocos para a rebrota, do solo para o seu plantio e o combate a ervas daninhas em sua fase de crescimento. Limpar soqueiras, adubar o solo e aplicar herbicidas com pulverizadores costais são tarefas geralmente destinadas à mão-de-obra infante-juvenil. Resguardando as especificidades do processo produtivo<sup>3</sup> nas diferentes regiões produtoras de cana-de-açúcar do País, na Região Nordeste encontra-se o trabalho no "lambaio", termo utilizado para designar atividade realizada por crianças nos canaviais no horário das 18 às 6 horas. Este trabalho noturno consiste em organizar montes de cana cortada não recolhidas pelas garras das máquinas carregadeiras dos caminhões que transportam a cana até as usinas (MOREIRA, 1995) e deve ser realizado acompanhando o

ritmo das máquinas carregadeiras.

O corte na base da cana consiste na retirada da cana das touceiras e exige do trabalhador uma seqüência ritmada de movimentos corporais. Em geral, com um dos braços o trabalhador abraça o maior número possível de colmos de cana. Em seguida, curva-se para a frente e, com o podão seguro por uma de suas mãos, golpeia com um ou mais movimentos a base dos colmos o mais próximo possível do solo. Em seguida, faz um movimento de rotação e, ao mesmo tempo, levanta o feixe de cana já cortado depositando-o em montes atrás de si. O espaço entre uma "bandeira" e outra é geralmente de dois metros. É neste espaço que o capataz mede a produção utilizando-se de um instrumento - quantificando quantos metros de cana o trabalhador cortou durante a jornada de trabalho. A transformação da medida em toneladas de cana cortada é feita multiplicando-se a metragem por um determinado fator. A atividade do corte se completa com o desponde do palmito (ponteiro).

Dependendo do tipo de cana a ser cortada haverá variações nestes procedimentos. Não é possível o corte simultâneo de vários colmos quando esta se encontra "deitada" ou "acamada". Nesta situação os colmos devem ser cortados individualmente, implicando maior desgaste e menor produtividade da força de trabalho.

Durante toda a jornada o trabalhador repetirá exaustivamente os mesmos gestos. Abraçar o feixe, girar e empilhar a cana nos montes. Esta seqüência contínua de movimentos torna o trabalho repetitivo, monótono e automatizado. Tais movimentos, conjugados com a exposição às inclemências meteorológicas e às inerentes da própria atividade, levam o trabalhador a diminuir seu limiar de atenção, aumentando a possibilidade de ocorrência de acidentes, seja com o próprio podão, assim como por picadas de animais peçonhentos. E não são só os acidentes que determinam processos de morbidade e/ou mortalidade dos trabalhadores. Seu corpo, utilizado como parte das engrenagens da indústria sucroalcooleira, rapidamente se desgasta.

Os trabalhadores inseridos no processo de trabalho do corte da cana estão

<sup>3</sup>Sobre as especificidades dos processos produtivos no setor canavieiro em diferentes regiões produtoras do País ver: PAIXO (1994), RICCI (1994) e BORBA (1994).



submetidos a outras categorias: os feitores, ou empreiteiros/agenciadores de mão-de-obra, responsáveis por sua arregimentação, transporte e fiscalização direta do trabalho da turma, pelo controle da qualidade do trabalho, frequência diária e número de horas que permanecem na lavoura; os frentistas (ou fiscais), que são funcionários da usina (ou destilaria) responsáveis pela fiscalização geral das frentes de trabalho compostas pelas várias turmas; os baseadores (ou entregadores), responsáveis pela medição e pela queima da cana.

De forma geral, um trabalhador corta, aproximadamente, oito toneladas/dia (seis toneladas/dia no caso do trabalhador do sexo feminino). Alguns trabalhadores, entretanto, conseguem atingir a marca de quatorze toneladas/dia (dez toneladas/dia no caso do trabalhador do sexo feminino). A produtividade varia dependendo do tipo de cana disponível para o corte. As "canas em pé", cultivadas em terrenos regulares, são as que propiciam maior produtividade, a qual logicamente é menor quando a cana encontra-se "acamada" e cultivada em terrenos irregulares.

A remuneração do trabalhador é definida por um conjunto de mecanismos, sendo bastante heterogênea. De forma geral, o trabalhador recebe por tonelada de cana cortada. No final da safra, quando ocorre o corte das canas de qualidade inferior, diminuindo a produtividade do trabalhador, a forma de remuneração é alterada, e ele passa a receber um salário fixo.

Quando o contrato de trabalho é por produção, a remuneração deve ser acrescida de uma hora do salário-dia, com o adicional de 50% referente ao salário *in itinere*. Ao final da safra, quando há pouca cana disponível para o corte ou existe apenas canas de qualidade inferior, o trabalhador passa a receber um salário fixo, acrescido de 50% do preço da jornada normal de trabalho quando a hora *in itinere* não consta nas oito horas normais de jornada. Em tais períodos, os trabalhadores ocupam-se principalmente da capina, plantio e aplicação de agrotóxicos<sup>4</sup>.

Outra modalidade de remuneração é a

indireta, muito usual na Região Nordeste do País. Trata-se de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos que cortam cana para compor a produção mínima exigida de seus pais. Ao lado deste trabalho invisível, coexiste o trabalho clandestino de adolescentes entre 14 e 16 anos, desprotegido da legislação trabalhista e percebendo, em média, 1/4 do salário de um adulto, mesmo quando sua produtividade é maior<sup>5</sup>.

A exploração a que está submetida a força-de-trabalho do corte da cana-de-açúcar, particularmente a de crianças e adolescentes, permanece visível mesmo quando consideradas as conquistas do movimento sindicalista rural, principalmente a partir da década de 80, em algumas regiões do País (ALVES, 1991). Cabe salientar que dada a atual conjuntura econômica, social e política, presenciam-se retrocessos nos direitos sociais conquistados, com reflexos imediatos nas condições de trabalho, de vida e de saúde da classe trabalhadora rural.

#### 4 - OS PADRÕES DE DESGASTE-REPRODUÇÃO

É constitutivo do modo de ser do trabalho do corte da cana-de-açúcar um conjunto de cargas laborais que se traduzem na pessoa dos cortadores da cana em padrões de desgaste biopsíquicos e que independem de sua idade e gênero.

As cargas físicas, químicas, mecânicas e biológicas sobressaem-se pela exposição dos trabalhadores às radiações solares, chuva, mudanças bruscas de temperatura; pelo contato direto com poeira proveniente da terra, da fuligem da cana queimada e de resíduos de agrotóxicos utilizados, por exemplo, no preparo da terra para o plantio da cana, ou no combate às pragas dos canaviais; por acidentes provocados pela matéria-prima e instrumentos de trabalho; por acidentes de trajeto, devido ao transporte em veículos sem condições de uso e conduzidos por motoristas inexperientes e

<sup>4</sup>Dados obtidos em pesquisa realizada na região de Ribeirão Preto (SP) (ALESSI e SCOPINHO, 1992).

<sup>5</sup>Dados obtidos no trabalho de campo realizado no Estado da Paraíba (MOREIRA, 1995).

inabilitados; pela presença de animais peçonhentos e problemas de origem gastro-intestinal que podem ser causados por ingestão de água não potável ou por alimentos malconservados. Estas cargas configuram padrões de desgaste-reprodução que se manifestam em dispnéia, infecções respiratórias, dermatites, conjuntivites, desidratação, câibras, diarréias, oscilações da pressão arterial, ferimentos nos membros inferiores e superiores e, por fim, da morte, que pode ser causada por acidentes de trajeto (ALESSI et al., 1994).

As cargas de tipo fisiológicas e psíquicas (entendidas através de suas manifestações psicossomáticas) sobressaem-se através do esforço físico intenso; dos movimentos corporais que o corte da cana requer; da monotonia e repetitividade no modo de realizar a atividade, principalmente quanto à coordenação dos movimentos corporais com o podão; do ritmo acelerado que se exige do cortador de cana; a ausência de pausas regulares no trabalho, mesmo aquelas necessárias para os momentos de refeição; da total impossibilidade do trabalhador ter iniciativas, tomar decisões, introduzir mudanças e exercer algum tipo de controle, quer no modo de realizar o seu trabalho ou no controle do produto do seu trabalho; e, finalmente, da sujeição do trabalhador à supervisão e controle estritos de feitores, baseadores, fiscais e de agentes intermediários. Estas cargas configuram padrões de desgaste-reprodução que se manifestam em sintomas na coluna vertebral, dores lombares, torácicas e de cabeça, tensão nervosa e outras manifestações psicossomáticas que se traduzem principalmente em quadros de gastrite, úlcera, hipertensão e alcoolismo (ALESSI et al., 1994).

Esse conjunto de cargas laborais atua em interação. Isto é, a exposição do trabalhador ao conjunto de cargas próprias do trabalho do corte da cana-de-açúcar é que determina a manifestação de quadros sintomáticos e seus possíveis agravantes. Estes manifestam-se no organismo através das reconhecidas doenças profissionais (cuja causalidade é identificada em riscos do ambiente e das condições de trabalho) e através de doenças inespecíficas (ALESSI et al., 1994 e ODDONE et al., 1986).

Além dos padrões de desgaste-reprodução inerentes ao trabalho do corte da

cana e que afetam a saúde do trabalhador independentemente da idade e do gênero, acima já explicitados, destacam-se outros impactos à saúde das crianças e adolescentes que trabalham nos canaviais, revelados em exames clínicos realizados em municípios do Estado de São Paulo (CENTRO, 1996) e da Paraíba (MOREIRA, 1995), podendo ser assim relacionados:

1 - sendo a infância e adolescência fases de desenvolvimento que se caracterizam por profundas transformações somáticas, psicológicas e sociais, os requerimentos nutricionais necessários para um desenvolvimento normal quando confrontados com os padrões alimentares característicos desses grupos apontam para o comprometimento do seu desenvolvimento (peso e altura abaixo do normal), quadros de desnutrição, anemias e hipovitaminoses;

2 - alterações no aparelho osteomuscular, destacando-se os diagnósticos de lombalgia, escoliose, lesões por esforços repetitivos (LER) e a doença articular degenerativa (DAE);

3 - infecções parasitárias, como a esquistossomose, parasitoses intestinais, ptiíase, escabiose, pediculose e monilíase, comprometendo as funções do trato gástrico-intestinal;

4 - infecções nas vias aéreas respiratórias, que incluem desde resfriados e bronquites a suspeitas de tuberculose pulmonar;

5 - infecções bacterianas, como otites, gastroenterites, piodermites, conjuntivites, infecções urinárias e outras;

6 - perda precoce de dentes permanentes junto com cáries múltiplas, configurando um quadro de difícil recuperação;

7 - distúrbios da pele e anexos como dermatoses de contato nas mãos, pele ressecada nas faces, manifestando traços de envelhecimento precoce, onicomiose nas mãos e ptiíase versicolor no tronco;

8 - acidentes de trabalho, destacando-se ferimentos com o podão (ferimentos contuso nos joelhos e corte-contuso em dedos das mãos e no nariz, principalmente); e

9 - acidentes de trajeto, que muitas vezes provocam lesões graves e incapacitantes, tanto temporária como



permanentemente, quando não levam o trabalhador ao óbito.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os agravos à saúde das crianças e adolescentes manifestam-se tanto através de acidentes de trabalho, inclusive os de trajeto, quanto através de um conjunto de doenças que estão direta ou indiretamente relacionadas com o trabalho e as conseqüentes condições de vida, destacando-se as seguintes: moléstias do aparelho ósteo-muscular; das vias aéreas e respiratórias; distúrbios da pele e anexos; perda prematura de dentes; infecções parasitárias e bacterianas e quadros de desnutrição, anemias e hipovitaminose.

A despeito da importância e da urgência que o combate à exploração da mão-de-obra infantil (e a devida atenção ao trabalho juvenil) requer, cabe lembrar que esse fenômeno não se explica por si só. É no contexto das grandes transformações em curso hoje no mundo do trabalho, onde o fantasma do desemprego se materializa cada vez mais, que deve-se buscar elementos para elucidar essa questão. Além do desemprego, todas as formas de precarização das relações de trabalho concorrem para o aumento da exploração do trabalho infanto-juvenil.

O Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil *"chama atenç/ o para os países que, através da privatizaç/ o e do desmantelamento dos serviços públicos, se descomprometem com a proteç/ o da infância. A isso se somam os incentivos diretos dos governos ao trabalho infantil. Recentes projetos legislativos estabeleceram no Brasil incentivos fiscais aos que derem emprego a trabalhadores entre 12 e 18 anos. Amparadas por essa legislaç/ o, empresas como a Arezzo (calçados) e a Suggar (eletrodomésticos) est/ o contratando adolescentes entre 14 e 17 anos, dispensadas de todos os encargos trabalhistas"* (MATEOS, 1996). E este é um fenômeno presente também no primeiro mundo, ainda que de maneira bem mais branda.

Paradoxalmente, com o desemprego do adulto aumenta o ingresso precoce de crianças e adolescentes no mercado de trabalho, resultando, por exemplo, em recente campanha dos

sindicatos franceses contra o trabalho infantil, cujo *slogan* adotado foi: *"devolvam o trabalho do meu pai, eu n/ o quero trabalhar"* (MATEOS, 1996).



O processo acelerado de mecanização do corte da cana na maior região canavieira do País, onde ainda predomina o corte manual, deverá agravar a situação daquelas famílias que hoje são obrigadas a levar seus filhos desde cedo para o árduo trabalho no campo. A conseqüência mais grave que se pode antever é o aumento expressivo de desempregados, desqualificados para outro tipo de trabalho e, portanto, com poucas possibilidades de reinserção no, cada vez mais concorrido, mercado de trabalho.

Diante deste quadro, as campanhas e ações para a erradicação do trabalho infantil devem fazer parte de um rol de ações que tenham por objetivo gerar empregos, melhorar a distribuição de renda, elevar os níveis salariais e investir nas áreas de educação, habitação e saúde, prioritariamente. *"N/o basta reprimir o trabalho infantil, constata o Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil, é preciso promover políticas sociais que permitam às crianças poder brincar e se preparar para o futuro"* (MATEOS, 1996).

## LITERATURA CITADA

ALESSI, Neiry P.; SCOPINHO, Rosemeire A. **A saúde do trabalhador da agro-indústria canavieira**. Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina/Departamento de Medicina Social, 1992. Mimeo.

\_\_\_\_\_ et al. (Org.) **Saúde e trabalho no sistema único de saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.

ALVES, Francisco da C. **Modernização da agricultura e sindicalismo**: lutas dos trabalhadores assalariados rurais da região de Ribeirão Preto. Campinas: UNICAMP/IE, 1991.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo. Campinas: CORTEZ/UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. A lógica destrutiva: crise do trabalho coloca como desafio resgatar sentido de classe. **Folha de São Paulo**, 14 jul. 1996. Caderno Mais, p.3.

BORBA, Madalena M. Z. **Adequação da força de trabalho rural na moderna agricultura da região de Ribeirão Preto**. Campinas: UNICAMP/IE, 1994. Tese de Doutorado.

CENTRO DE SAÚDE ESCOLA DA FACULDADE DE MEDICINA. **Relatório sobre padrões de desgaste da força de trabalho infanto-juvenil no corte da cana-de-açúcar**. Ribeirão Preto, 1996. Mimeo.

DUTRA DE OLIVEIRA, José E.; DUTRA DE OLIVEIRA, Maria H. S. **Bóias-frias**: um estudo sócio-econômico-nutricional sobre trabalhadores volantes rurais da área de Ribeirão Preto. São Paulo: Academia de Ciências/CNPq, 1981.

FEDERAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES PARA A ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL (FASE). **Bóias-frias**: a morte no meio do caminho. Jaboticabal, 1991. Mimeo.



FUNDAÇÃO O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. As condições de trabalho infanto-juvenil: crianças e adolescentes. **Indicadores Sociais**, v.4, p.25-27, 1992a.

\_\_\_\_\_. Crianças trabalhadoras: crianças e adolescentes. \_\_\_\_\_, v.4, p.22-24, 1992b.

KULESZA, Tereza M. **Processo de trabalho e saúde na lavoura canavieira em Sapé**: delineando relações e perfis. João Pessoa: UFPB, 1995. Dissertação de Mestrado.

LAURELL, Asa C.; NORIEGA, Mário. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARTINS, José de S. (Coord.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991. 14p.

MATEOS, Simone B. Quem explora a mão-de-obra infantil. **Atenção**, n.2, p.8-14, 1996.

MOREIRA, Emília de R. F. (Coord.) **Os caras pintadas de suor e da fuligem da cana**: um estudo das condições de vida, saúde e trabalho dos canavieiros mirins da cana. João Pessoa: UFPB, 1995. (Relatório Final de Pesquisa).

ODDONE, Ivar et al. **O ambiente de trabalho**: a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: Hucitec, 1986.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Trabajo infantil: qué hacer? In: **Documento sometido a discusión de la Reunion Tripartita Oficiosa de Nivel Ministerial**, Ginebra, 12 jun. 1996. Ginebra, 1996.

PAES DE BARROS, R.; MENDONÇA, R. S. P. As consequências da pobreza sobre a infância e a adolescência. In: FAUSTO, A.; SERVINI, R. (Orgs.) **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano nos anos 80**. São Paulo: Cortez, 1991.

PAIXÃO, Marcelo J. de P. **No coração do canavial**: estudo crítico da evolução do complexo agro-industrial sucro-alcooleiro e das relações de trabalho na lavoura canavieira (Estudo Comparativo em 12 Estados do Brasil). Rio de Janeiro: COPPE/URRJ, 1994. Dissertação de Mestrado.

REBOUÇAS, Antonio J. de A. et al. **Insalubridade: morte lenta no trabalho**. São Paulo: Oboré, 1989.

RICCI, Rudá (Coord.) **Mercado de trabalho no setor sucroalcooleiro no Brasil**. Brasília: IPEA, 1994.

SILVA, Ana P. S. et al. "O transporte de trabalhadores rurais: a situação de um acidente de trajeto". In: ALESSI, Neiry P. et al. (Org.) **Saúde e trabalho no sistema único de saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCOFIELD JUNIOR, G. Mais de 7,9 milhões de jovens trabalham no país. **O Estado de São Paulo**, 5 jul. 1995, p.B-6.

### **O TRABALHO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CULTURA CANAVIEIRA E OS IMPACTOS SOBRE SUA SAÚDE**

**SINOPSE:** O trabalho infanto-juvenil é um fenômeno presente em escala mundial, que se manifesta de forma mais brutal e violenta nos países pobres. No Brasil, o emprego desse tipo de força de trabalho é visível nos setores primário, secundário e terciário da economia. Dados apontam o setor primário como o que mais utiliza a força de trabalho de crianças e adolescentes. Com o presente trabalho objetivou-se relacionar o trabalho e a saúde de crianças e adolescentes ocupadas no corte da cana-de-açúcar. Com base na reconstrução do modo-de-ser do referido trabalho e em exames clínicos realizados no Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), os dados obtidos mostraram que crianças e adolescentes apresentam quadros de desnutrição, anemia e hipovitaminose; alterações no aparelho ósteo-muscular, infecções parasitárias, bacterianas e das

vias respiratórias; perda precoce de dentes permanentes; distúrbios da pele e anexos; acidentes de trabalho e de trajeto. Estes agravos da saúde, decorrentes do trabalho do corte da cana e das condições sociais de vida de crianças e adolescentes, processam-se no contexto das transformações do mundo do trabalho, no qual, paradoxalmente ao lado do desemprego e de formas de precarização das relações de trabalho do adulto, presencia-se a intensificação do ingresso precoce de crianças no mercado de trabalho e a potencialização dos riscos de acidentes e de doenças do trabalho da força de trabalho infanto-juvenil.

**Palavras-chave:** trabalho rural, trabalho infantil, saúde do trabalhador, cultura da cana-de-açúcar, processo de trabalho, Brasil.

### **CHILD AND ADOLESCENT LABOR IN SUGAR CANE PLANTATIONS AND ITS IMPACTS ON THEIR HEALTH**

**ABSTRACT:** Child and juvenile labor is a worldwide phenomenon more brutally and violently manifested in poor countries. This practice in Brazil is clearly visible in the primary, secondary and tertiary sectors of the economic activities. Data show the primary sector as the one most frequently utilizing this work force. This study aims at relating the work of minors employed in sugar cane harvest to their health. With basis on the reconstruction of the characteristics of such type of work, as well as on clinical examinations carried out at Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), the data found showed that these laborers suffered from malnutrition, anemia and hypovitaminosis; alterations in the osteomuscular system; parasitic and bacterial infections as well as those of the respiratory ducts; early loss of permanent teeth and skin / skin-appendage diseases. Accidents at work and while commuting were also verified. These health damages resulting from both work at sugar cane harvests and these workers' social conditions take place amidst transformations in the labor scenario. Paradoxically, it shows that beside unemployment and forms of poor adult-labor relations there also appear an intensification of the early ingress of children together with an exponential increase in accident and disease risks in child and juvenile labor.

**Key words:** rural work, child labor, sugar cane harvest, worker's health, work process, Brazil.



Recebido em 20/05/97. Liberado para publicação em 18/07/97.